

# Papa João Paulo II



## CATEQUESES SOBRE OS ANJOS

Editado por 



A Santa Sé

## **João Paulo II**

### **CATEQUESES SOBRE OS ANJOS**

O Papa João Paulo II iniciou em 9 de Julho de 1986, nas audiências gerais das quartas-feiras, um ciclo de catequeses dedicado aos anjos, que terminou em 20 de Agosto de 1986, perfazendo seis catequeses.

#### **Fontes:**

*<https://cleofas.com.br/?s=Catequese+sobre+os+Anjos>*

*<https://www.vatican.va/>*

**Quarta-feira, 9 de julho de 1986**

***Criador das coisas visíveis e invisíveis***

1. As nossas catequeses sobre Deus, Criador do mundo, não poderiam ser concluídas sem dedicar a devida atenção a um precioso conteúdo da revelação divina: *a criação dos seres puramente espirituais*, que a Sagrada Escritura chama "anjos". Tal criação aparece claramente nos símbolos da fé, especialmente no Símbolo Niceno-Constantinopolitano: Creio em um só Deus, Pai Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra, de todas as coisas (isto é, entes ou seres) "*visíveis e invisíveis*". Sabemos que o homem goza, dentro da criação, de uma posição única: graças ao seu corpo pertence ao mundo visível, enquanto, através da alma espiritual, que vivifica o corpo, está *quase no limite* entre a criação visível e a invisível. A esta última, segundo o Credo que a Igreja professa à luz da Revelação, pertencem outros seres, puramente espirituais, *portanto não próprios do mundo visível*, embora nele estejam presentes e atuantes. Eles constituem um mundo específico.

2. Hoje, como no passado, estes seres espirituais são discutidos com maior ou menor sabedoria. É preciso reconhecer que, às vezes, a confusão é grande, com o conseqüente risco de fazer passar como fé da Igreja a respeito dos anjos coisas que não pertencem à fé ou, vice-versa, de deixar de lado algum aspecto importante da verdade revelada. A existência de seres espirituais que a Sagrada Escritura habitualmente chama "anjos" *já era negada* no tempo de Cristo pelos saduceus (cf. Act 23, 8). Negam-na também *os materialistas e racionalistas* de todos os tempos. E, no entanto, como observa com perspicácia um teólogo moderno, "se quiséssemos desembaraçar-nos dos anjos, a própria Sagrada Escritura teria que ser radicalmente revista e com ela toda a história da salvação" (A. Winklhofer, *Die Welt der Engel*, Ettal 1961, p. 144, nota 2; em *Mysterium salutis*, II, 2, p. 726). Toda a *Tradição* é unânime sobre esta questão. O Credo da Igreja, na sua essência, é um eco do que Paulo escreve aos Colossenses: "Porque nele (Cristo) foram criadas todas as coisas do céu e da terra, as visíveis e as invisíveis, tronos, dominações, principados, potestades; *tudo foi criado por Ele e para Ele*" (Col. 1, 16). Isto é, Cristo que, como Filho-Verbo eterno e consubstancial ao Pai, é "primogênito de toda a criatura" (Col 1, 15), está no centro do universo como razão e fundamento de toda a criação, como já

vimos nas catequeses precedentes e como ainda veremos quando falarmos mais diretamente sobre Ele.

3. A referência ao «primado» de Cristo ajuda-nos a compreender que a verdade sobre a existência e a acção dos anjos (bons e maus) *não constitui o conteúdo central da Palavra de Deus*. No Apocalipse, Deus fala em primeiro lugar “aos homens... e passa tempo com eles para os convidar e os receber em comunhão com Ele”, como lemos na Constituição *Dei Verbum* do Concílio Vaticano II (*Dei Verbum* 2 ). Deste modo, «a verdade profunda, tanto de Deus como da salvação dos homens», é o conteúdo central da Revelação que «brilha» mais plenamente na pessoa de Cristo (cf. *Dei Verbum* 2 ). A verdade sobre os anjos é, em certo sentido, inseparável da Revelação central que é a existência, a majestade e a glória do Criador que resplandece em toda a criação (“visível” e “invisível”) e na acção salvífica de Deus na história do homem. Os anjos *não são criaturas de primeiro plano* na realidade da Revelação, mas *pertencem-lhe plenamente*, tanto que em alguns momentos os vemos cumprir missões fundamentais em nome do próprio Deus.

4. Tudo isto que pertence à criação entra, segundo a Revelação, no mistério da Divina Providência. O Vaticano I, que já citámos muitas vezes, afirma-o de forma exemplarmente concisa: «*Tudo o que é criado, Deus preserva e dirige com a sua Providência "que estende de um extremo ao outro com vigor e governando todas as coisas com bondade"*. (cf. *Sb* 8, 1). “Todas as coisas estão a nu e a descoberto aos seus olhos” (cf. *Hb* 4, 13), “mesmo o que se realizou pela livre iniciativa das criaturas” (*DS* 3.003). A Providência abrange, portanto, *também o mundo dos espíritos puros*, que ainda mais plenamente que os homens são seres racionais e livres. *Na Sagrada Escritura encontramos indicações preciosas que lhes dizem respeito*. Há a revelação de um drama misterioso, mas real, que afectou estas criaturas angélicas, sem que nada escapasse à eterna Sabedoria, que, com força (*fortiter*) e ao mesmo tempo com bondade (*suaviter*), leva tudo à realização no reino do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

5. Reconheçamos antes de tudo que *a Providência*, como amorosa Sabedoria de Deus, se manifestou precisamente ao criar seres puramente espirituais, através dos quais se expressa melhor a sua semelhança com

Deus, que supera em muito tudo o que foi criado no mundo visível, juntamente com o homem, também ele imagem indelével de Deus. Deus, que é Espírito absolutamente perfeito, reflecte-se sobretudo nos seres espirituais que, por natureza, isto é, *pela sua espiritualidade*, Lhe estão muito mais próximos do que as criaturas materiais e constituem quase o “ambiente” mais próximo do Criador. A Sagrada Escritura oferece um testemunho bastante explícito desta máxima proximidade a Deus, dos anjos, dos quais fala, com linguagem figurada, como do "trono" de Deus, dos seus "exércitos", do seu "céu". Ela inspirou a poesia e a arte dos séculos cristãos que nos apresentam os anjos como a “corte de Deus”.

**Quarta-feira, 23 de julho de 1986**

***Criador dos Anjos, Seres livres***

1. Continuamos hoje a nossa catequese sobre os anjos, cuja existência, querida mediante um acto de amor eterno de Deus, professamos com as palavras do símbolo niceno-constantinopolitano: "Creio em um só Deus, Pai Todo-Poderoso, *Criador* do céu e da terra, *de todas as coisas visíveis e invisíveis*".

Na perfeição da sua natureza espiritual, os anjos são chamados desde o princípio, em virtude da sua inteligência, a conhecer a verdade e a amar o bem que conhecem na verdade de modo muito mais perfeito do que é possível ao homem. Este amor é o acto de uma vontade livre, pelo que também para os anjos a *liberdade significa possibilidade de efetuar uma escolha* favorável ou contra o Bem que eles conhecem, isto é, o próprio Deus. Há que repetir aqui o que já recordámos a seu tempo a propósito do homem: criando os seres livres, Deus quis que no mundo se realizasse aquele *amor* verdadeiro que *só é possível com base na liberdade*. Ele quis, portanto, que a criatura, formada à imagem e semelhança do seu Criador, pudesse do modo o mais pleno possível tornar-se semelhante a Ele, Deus, que "é amor" (1 Jo 4,16). Criando os espíritos puros como seres livres, Deus, na sua Providência, não podia deixar de prever também a *possibilidade do pecado dos anjos*. Mas, precisamente porque a Providência é eterna sabedoria que ama, Deus saberia tirar da história deste pecado, incomparavelmente mais radical, enquanto pecado de um espírito puro, o *definitivo bem de todo o cosmos criado*.

2. Com efeito, como diz de modo claro a Revelação, *o mundo dos espíritos puros apresenta-se dividido em bons e maus*. Pois bem, esta divisão não se realizou por obra de Deus, mas em consequência da liberdade própria da natureza espiritual de cada um deles. Realizou-se *mediante a escolha* que para os seres puramente espirituais possui um carácter incomparavelmente *mais radical* do que a do homem, e é *irreversível* dado o grau do carácter intuitivo e de penetração do bem de que é dotada a sua inteligência. A este propósito deve dizer-se também que os espíritos puros *foram submetidos a uma prova de carácter moral*. Foi uma

escolha decisiva respeitante, antes de tudo, ao próprio Deus, um Deus conhecido de modo mais essencial e direto do que é possível ao homem, um Deus que a estes seres espirituais tinha concedido o dom, antes que ao homem, de participar da sua natureza divina.

3. No caso dos espíritos puros a *escolha* decisiva dizia respeito antes de tudo ao *próprio Deus*, primeiro e supremo Bem, aceite ou rejeitado de modo mais essencial e directo do que pode acontecer no raio de acção da livre vontade do homem. Os espíritos puros têm *um conhecimento de Deus incomparavelmente mais perfeito* do que o do homem, porque com o poder da sua inteligência, nem condicionada nem limitada pela mediação do conhecimento sensível, vêem inteiramente a grandeza do Ser infinito, da primeira Verdade, do sumo Bem. A esta sublime capacidade de conhecimento dos espíritos puros Deus ofereceu o mistério da sua divindade, tornando-os assim partícipes, mediante a graça, da sua infinita glória. Precisamente porque são seres de natureza espiritual, havia na sua inteligência a capacidade, o desejo desta elevação sobrenatural a que Deus os tinha chamado, para fazer deles, muito antes do homem, "participantes da natureza divina" (cf. 2 Pd 1,4), participantes da vida íntima d'Aquele que é Pai, Filho e Espírito Santo, d'Aquele que na comunhão das três Pessoas Divinas "é Amor" (1 Jo 4,16). Deus tinha admitido todos os espíritos puros, antes e em maior grau do que o homem, na eterna comunhão do Amor.

4. A escolha feita sobre a base da verdade de Deus, conhecida de forma superior devido à lucidez das suas inteligências, dividiu também o mundo dos puros espíritos em bons e maus. *Os bons escolheram Deus* como Bem supremo e definitivo, conhecido à luz da inteligência iluminada pela Revelação. Ter escolhido Deus significa que se acolheram a Ele com toda a força interior da sua liberdade, força que é amor. Deus tornou-se a total e definitiva finalidade da sua existência espiritual. *Os outros*, pelo contrário, *rejeitaram Deus em oposição à verdade do conhecimento* que indicava n'Ele o Bem total e definitivo. Fizeram uma escolha em oposição à revelação do mistério de Deus, em oposição à sua graça, que os tornava participantes da Trindade e da eterna amizade com Deus na comunhão com Ele mediante o amor. Tendo como base a sua liberdade criada, fizeram uma *escolha* radical e irreversível, tal como os anjos bons, mas *diametralmente oposta*: em vez de uma aceitação de Deus cheia de amor, opuseram-Lhe

uma rejeição inspirada por um falso sentido de auto-suficiência, de aversão e até de ódio que se converteu em rebelião.

5. Como se hão de compreender esta oposição e esta rebelião a Deus em seres dotados de tão viva inteligência e enriquecidos com tanta luz? Qual pode ser *o motivo desta radical e irreversível escolha contra Deus*, de um ódio tão profundo que pode parecer como fruto de loucura? Os Padres da Igreja e os teólogos não hesitam em falar de "cegueira" produzida pela super valorização da perfeição do próprio ser, levada até o ponto de velar a supremacia de Deus, que, pelo contrário, exigia um acto de dócil e obediente submissão. Tudo isto parece estar expresso de modo conciso nas palavras: "Não servirei" (*Jr 2,20*), que manifestam a radical e irreversível recusa a tomar parte na edificação do reino de Deus no mundo criado. "Satanás", o espírito rebelde, quer o seu próprio reino, não o de Deus, e erige-se como o primeiro "adversário" do Criador, como opositor da Providência, como antagonista da amorosa sabedoria de Deus. Da rebelião e do pecado Satanás, como também do pecado do homem, devemos concluir acolhendo a sábia experiência da Escritura que afirma: "No orgulho está a perdição" (*Tb 4,13*).



Quarta-feira, 30 de julho de 1986

### ***Criador das Coisas "Invisíveis": Os Anjos***

1. Na catequese anterior detivemo-nos sobre o artigo do Credo no qual proclamamos e confessamos Deus criador não só de todo o mundo criado, mas também das "coisas invisíveis", e tratámos o tema da existência dos anjos chamados a declarar-se por Deus ou contra Deus com um acto radical e irreversível de adesão ou de rejeição da sua vontade de salvação.

Segundo a Sagrada Escritura, os anjos, enquanto criaturas puramente espirituais, apresentam-se à reflexão da nossa mente como uma especial *realização da "imagem de Deus"*, Espírito perfeitíssimo, como Jesus recorda à mulher samaritana com as palavras: "Deus é espírito" (Jo 4,24). Os anjos são, sob este ponto de vista, as criaturas mais próximas do modelo divino. O *nome* que a Sagrada Escritura lhes atribui indica que aquilo que mais conta na Revelação é a verdade sobre *as tarefas dos anjos em relação aos homens*: anjo (*angelus*) quer dizer, com efeito, "mensageiro". O hebraico "*malak*", usado no Antigo Testamento, significa mais propriamente "*delegado*" ou "*embaixador*", Os anjos, criaturas espirituais, têm a função de mediação e de ministério nas relações entre Deus e os homens. Sob este aspecto, a Carta aos Hebreus dirá que a Cristo foi dado um "*nome*", e por conseguinte um ministério de mediação, muito superior ao dos anjos (cf. *Hb* 1,4).

2. O Antigo Testamento salienta sobretudo *a especial participação dos anjos* na celebração da *glória* que o Criador recebe como tributo de louvor da parte do mundo criado. São de modo especial os Salmos que se fazem intérpretes desta voz, quando, por exemplo, proclamam: "Louvai o Senhor no céu, louvai o Senhor nas alturas. Louvai-O todos os Seus anjos..." (*Sl* 148,1-2). E de modo idêntico o *Salmo* 102 (103): "Bendizei o Senhor, Vós todos os Seus anjos, que sois poderosos em força, que cumpris as Suas ordens, sempre dóceis à Sua palavra" (*Sl* 102/103,20). Este último versículo do *Salmo* 102 indica que os anjos *tomam parte*, do modo que lhes é próprio, no governo de Deus sobre a criação, como "poderosos" executores das suas ordens" segundo o plano estabelecido pela Divina Providência. Em particular estão confiados aos anjos um cuidado e solicitude especiais pelos

homens, em nome dos quais apresentam a Deus os seus pedidos e as suas orações, como nos recorda, por exemplo, o *Livro de Tobias* (cf. especialmente *Tb* 3,17 e 12,12), enquanto o *Salmo* 90 proclama: "Mandou aos Seus anjos... Eles te levarão nas suas mãos, para que não tropeces em pedra alguma" (cf. *Sl* 90/91,11-12). Seguindo o Livro de Daniel pode-se afirmar que as tarefas dos anjos, como embaixadores do Deus vivo, abrangem não só os homens individualmente e aqueles que têm tarefas especiais, mas também nações inteiras (*Dn* 10,13-21).

3. O Novo Testamento põe em realce *as tarefas* dos anjos em relação à *missão de Cristo como Messias*, e sobretudo em relação *ao mistério da encarnação do Filho de Deus*, como constatamos na descrição do anúncio do nascimento de João Batista (cf. *Lc* 1,11), do próprio Cristo (cf. *Lc* 1,26), nas explicações e disposições dadas a Maria e a José (cf. *Lc* 1,30-37; *Mt* 1,20-21), nas indicações dadas aos pastores na noite do nascimento do Senhor (cf. *Lc* 2,9-15), na protecção ao recém nascido perante o perigo da perseguição de Herodes (cf. *Mt* 2,13).

Mais adiante os Evangelhos falam da presença dos anjos durante os 40 dias de jejum de Jesus no deserto (cf. *Mt* 4,11) e durante a oração no Getsémani (*Lc* 22,43). Depois da ressurreição de Cristo será ainda um anjo, sob a aparência de um jovem, que dirá às mulheres que tinham ido ao sepulcro e ficaram surpreendidas por o encontrar vazio: "Não vos assusteis. Buscais a Jesus de Nazaré, o crucificado. Ressuscitou, não está aqui... Ide, pois, dizer aos seus discípulos..." (*Mc* 16,5-7). Dois anjos foram vistos também por Maria Madalena, que é privilegiada com uma aparição pessoal de Jesus (*Jo* 20,12-17; cf. também *Lc* 24,4). Os anjos "apresentam-se" aos apóstolos depois de Cristo desaparecer, para lhes dizer: "Homens da Galileia, por que estais assim a olhar para o céu? Esse Jesus, que vos foi arrebatado para o Céu, virá da mesma maneira, como agora O vistes partir para o Céu" (*Act* 1,10-11). São os anjos da vida, da paixão e da glória de Cristo. Os anjos d'Aquele que, como escreve São Pedro, "subiu ao Céu, e está sentado à direita de Deus, depois de ter recebido a submissão dos anjos, dos principados e das potestades" (*1 Pd* 3,22).

4. Se considerarmos a *nova vinda de Cristo*, isto é, a "parusia", verificamos que todos os sinópticos narram que "o Filho do Homem... virá

na glória de Seu Pai, com os santos anjos" (tanto *Mc* 8,38; como *Mt* 16,27; e *Mt* 25,31 na descrição do juízo final; e *Lc* 9,26; cf. também São Paulo, 2 *Ts* 1,7). Pode-se portanto dizer que os anjos, como puros espíritos, não só participam, do modo que lhes é próprio, da santidade do próprio Deus, como nos momentos chaves *rodeiam Cristo e acompanham-no no cumprimento da Sua missão salvífica* em relação aos homens. Igualmente também toda a Tradição e o Magistério ordinário da Igreja atribuíram aos anjos ao longo dos séculos, este caráter particular e esta função de ministério messiânico.

Quarta-feira, 6 de agosto de 1986

### *A participação dos Anjos na História da Salvação*

1. Nas últimas catequeses vimos como a Igreja, iluminada pela luz proveniente da Sagrada Escritura, professou ao longo dos séculos a verdade sobre a existência dos anjos como seres puramente espirituais, criados por Deus. Fê-lo desde o princípio com o símbolo niceno-constantinopolitano e confirmou-o no Concílio Lateranense IV (1215), cuja formulação é retomada pelo Concílio Vaticano I no contexto da doutrina sobre a criação: Deus "criou do nada, no início do tempo, ambas as classes de criaturas: *as espirituais e as corpóreas*, isto é, o mundo angélico e o mundo terrestre; e depois criou a criatura humana que, composta de espírito e de corpo abraça, de certo modo, ambas as realidades" (Const. *De fide cath.* DS 3002). Ou seja: Deus criou desde o princípio ambas as realidades: a espiritual e a corpórea, o mundo angélico e o mundo terreno. Tudo isto Ele criou ao mesmo tempo ("*simul*") em ordem à criação do homem, constituído de espírito e de matéria e posto, segundo a narração bíblica, no quadro de um mundo já estabelecido segundo as Suas leis e já regido pelo tempo ("*deinde*").

2. A fé da Igreja reconhece a existência e ao mesmo tempo os traços distintivos da natureza dos anjos. A sua fé puramente espiritual implica antes de tudo *a sua não-materialidade e a sua imortalidade*. Os anjos não têm "corpo" (embora em determinadas circunstâncias se manifestem sob formas visíveis em virtude da sua missão em favor dos homens), e por conseguinte não estão sujeitos à lei da corruptibilidade que é comum a todo o mundo material. O próprio Jesus, ao referir-se à condição angélica, dirá que na vida futura os ressuscitados "(não) podem morrer e são semelhantes aos anjos" (Lc 20,36).

3. Enquanto criaturas de natureza espiritual, os anjos *são dotados de inteligência e de vontade livre*, como o homem, *mas em grau superior ao dele*, embora sempre finito, pelo limite que é inerente a todas as criaturas. Os anjos são pois seres pessoais e, como tais, também eles criados à "imagem e semelhança" de Deus. A Sagrada Escritura refere-se aos anjos usando também *denominações não só pessoais* (como os nomes próprios de

Rafael, Gabriel, Miguel), mas também "*colectivos*" (como as classificações de: Serafins, Querubins, Tronos, Potestades, Dominações, Principados), assim como faz uma distinção entre Anjos e Arcanjos. Embora tendo em conta a linguagem analógica e representativa do texto sagrado, podemos deduzir que estes seres-pessoas, *quase agrupados em sociedade*, se subdividem em ordens e graus, correspondentes à medida da sua perfeição e das tarefas que lhes são confiadas. Os autores antigos e a própria liturgia falam também dos *coros angélicos* (nove, segundo Dionísio, o Areopagita). A teologia, especialmente a patrística e medieval, não rejeitou estas representações, procurando, pelo contrário, dar-lhes uma explicação doutrinal e mística, mas sem lhes atribuir um valor absoluto. São Tomás preferiu aprofundar as pesquisas sobre a condição ontológica, sobre a actividade cognoscitiva e volitiva e sobre a elevação espiritual destas criaturas puramente espirituais, tanto pela sua dignidade na escala dos seres, como porque nelas poderia aprofundar melhor as *capacidades e actividades* próprias do espírito no estado puro, haurindo não pouca luz para iluminar os problemas de fundo que desde sempre agitam e estimulam o pensamento humano: o conhecimento, o amor, a liberdade, a docilidade de Deus, a consecução do Seu reino.

4. O tema a que nos referimos poderá parecer "distante" ou "menos vital" à mentalidade do homem moderno. Todavia a Igreja, propondo com sinceridade toda a verdade acerca de Deus Criador, também dos anjos, *crê que presta um grande serviço ao homem*. O homem nutre a convicção de que em Cristo, Homem-Deus, é ele (e não os anjos) quem se encontra no centro da Divina Revelação. Pois bem, *o encontro religioso com o mundo dos seres* puramente espirituais converte-se em preciosa revelação do seu ser não só corpo, mas também espírito, e da sua pertença a um projecto de salvação verdadeiramente grande e eficaz, dentro de uma comunidade de seres pessoais que para o homem e com o homem servem o desígnio providencial de Deus.

5. Notemos que a Sagrada Escritura e a Tradição chamam propriamente *anjos* àqueles espíritos puros que na prova fundamental de liberdade escolheram Deus, a Sua glória e o Seu reino. Eles estão *unidos a Deus* mediante o amor consumado que nasce da visão beatificante, face a face, da Santíssima Trindade. Di-lo o próprio Jesus: "Os seus anjos nos céus *vêm*

*constantemente no céu a face do Meu Pai que está nos céus" (Mt 18,10). Aquele "ver constantemente a face do Pai" é a manifestação mais excelsa da adoração de Deus. Pode-se dizer que ela constitui aquela "liturgia celeste", realizada em nome de todo o universo, à qual se associa incessantemente a liturgia terrena da Igreja, de modo especial nos seus momentos culminantes. Basta recordar aqui o acto com o qual a Igreja, todos os dias e a todas as horas, no mundo inteiro, antes de dar início à Oração Eucarística no ponto central da Santa Missa, apela aos "Anjos e aos Arcanjos" para cantar a glória de Deus três vezes Santo, unindo-se assim àqueles primeiros adoradores de Deus, no culto e no amoroso conhecimento do inefável mistério da Sua santidade.*

6. Também segundo a Revelação, os anjos, que participam da vida da Trindade na luz da glória, são também chamados *a ter a sua parte na história da salvação dos homens*, nos momentos estabelecidos pelo desígnio da Divina Providência. "Não são eles todos espíritos ao serviço de Deus, enviados a fim de exercerem um ministério a favor daqueles que hão de herdar a salvação?", pergunta o autor da Carta aos Hebreus (1,14). E nisto crê e ensina a Igreja, com base na Sagrada Escritura da qual sabemos que é tarefa dos anjos bons a protecção dos homens e a solicitude pela sua salvação.

Encontramos certas expressões *em diversas passagens da Sagrada Escritura* como por exemplo no Salmo 90/91, já citado mais de uma vez: "Mandou aos Seus anjos que te guardem em todos os teus caminhos. Eles te levarão nas suas mãos, para que não tropeces em alguma pedra" (Sl 90/91,11-12). O próprio Jesus, falando das crianças e admoestando a não as afastar, faz referência aos "seus anjos" (Mt 18,10). Ele atribui também aos anjos a função de testemunhas no supremo juízo divino sobre a sorte de quem reconheceu ou negou Cristo: "Todo aquele que Me confessar diante dos homens, também o Filho do Homem o confessará *diante dos anjos de Deus*. Aquele, porém, que Me tiver negado diante dos homens será negado *diante dos anjos de Deus*" (Lc 12,8-9; cf. Ap 3,5). Estas palavras são significativas porque, se os anjos tomam parte no juízo de Deus, estão interessados pela vida do homem. Interesse e participação que parecem receber uma acentuação no discurso escatológico, em que Jesus faz intervir

os anjos na parusia, ou seja, na vinda definitiva de Cristo no fim da história (cf. *Mt* 24,31; 25,31-41).

7. Entre os livros do Novo Testamento, são especialmente os Actos dos Apóstolos que nos dão a conhecer alguns factos que atestam a solicitude dos anjos pelo homem e pela sua salvação. Assim é quando o Anjo de Deus liberta os Apóstolos da prisão (cf. *Act* 5,18-20) e sobretudo a *Pedro*, que estava ameaçado de morte por parte de Herodes (cf. *Act* 12, 15-10). Ou quando guia a actividade de Pedro a respeito do centurião Cornélio, o primeiro pagão convertido (*At* 10,3-8. 12-13), e de modo análogo a actividade do diácono *Filipe* no caminho de Jerusalém para Gaza (*Act* 8,26-29).

Destes poucos factos citados a título de exemplo, compreende-se como na consciência da Igreja se tenha podido formar a persuasão acerca do ministério confiado aos anjos a favor dos homens. Portanto, a Igreja, *confessa a sua fé nos anjos da guarda*, venerando-os na liturgia com uma festa própria e recomendando o recurso à sua protecção com uma oração frequente, como na invocação do "Anjo do Senhor". Esta oração parece enriquecer as belas palavras de São Basílio: "Cada fiel tem junto de si um anjo como tutor e pastor, para o conduzir à vida" (cf. 5. Basilius, *Adv. Funonium*, III, 1; veja-se também S. Tomás, *Summa Theol.* 1, q. II, a.3).

8. Finalmente é oportuno notar que a Igreja honra com culto litúrgico três figuras de anjos, que na Sagrada Escritura são chamados por um nome. O primeiro é o *Arcanjo S.Miguel* (cf. *Dn* 10,13-20; *Ap* 12,7; *Jd* 9). O seu nome exprime sinteticamente a atitude essencial dos espíritos bons. "Mica'El" significa, de fato: "*Quem como Deus?*". Neste nome encontra-se, pois, expressa a escolha salvífica graças à qual os anjos "vêm a face do Pai" que está nos céus. O segundo é *Gabriel*: figura ligada sobretudo ao mistério da encarnação do Filho de Deus (cf. *Lc* 1,19-26). O seu nome significa: "O meu poder é Deus" ou "Poder de Deus", quase como que a dizer que, no auge da criação, a encarnação é o sinal supremo do Pai onnipotente. Finalmente o terceiro arcanjo chama-se *Rafael*. "Rafa El" significa: "*Deus cura*". Ele nos é dado a conhecer pela história de Tobias no Antigo Testamento (cf. *Tb* 12,15-20), etc., tão significativa quanto ao facto de

serem confiados aos anjos os pequeninos filhos de Deus, sempre necessitados de guarda, de cuidados e de proteção.

Se pensarmos bem, vê-se que cada uma destas três figuras: Mica"El, Gabri"El e Rafa"El reflecte de modo particular a verdade contida na *pergunta* formulada pelo autor da *Carta aos Hebreus*: "Não são eles todos espíritos ao serviço de Deus enviados a fim de exercerem um ministério a favor daqueles que hão de herdar a salvação?" (*Hb* 1,14).



**Quarta-feira, 13 de agosto de 1986**

### ***A queda dos anjos rebeldes***

1. Continuando o tema das precedentes catequeses dedicadas ao artigo de fé referente aos anjos, criaturas de Deus, vamos explorar o *mistério da liberdade* que alguns deles orientaram contra Deus e contra o seu plano de salvação referente aos homens.

Como testemunha o evangelista Lucas, no momento em que os discípulos se reuniam de novo com o Mestre, cheios de alegria pelos frutos recolhidos nas suas primeiras tarefas missionárias, Jesus pronuncia uma palavra que faz pensar: "*Eu via Satanás cair do céu como um raio*" (cf. *Lc 10,18*).

Com estas palavras o Senhor afirma que o anúncio do reino de Deus é sempre uma vitória sobre o diabo, mas ao mesmo tempo revela também que a edificação do reino está continuamente exposta às insídias do espírito do mal. Interessar-nos por isso, como pretendemos fazer com a catequese de hoje, quer dizer *preparar-nos para a condição de luta* que é própria da vida da Igreja neste tempo derradeiro da história da salvação (como afirma o livro do Apocalipse, cf. 12,7). Por outro lado, isto permite esclarecer a fé recta da Igreja perante aqueles que a alteram exagerando a importância do diabo, ou dos que negam ou minimizam o seu poder maléfico.

As precedentes catequeses sobre os anjos, prepararam-nos para compreender a verdade que a Sagrada Escritura revelou e que a Tradição da Igreja transmitiu sobre Satanás, isto é, sobre o anjo caído, o espírito maligno, chamado também diabo ou demónio.

2. Esta "queda", que apresenta o carácter da rejeição de Deus com o conseqüente estado de "condenação", consiste na livre escolha daqueles espíritos criados, que radical e irrevogavelmente *rejeitaram Deus e o seu reino*, usurpando os seus direitos soberanos e tentando subverter a economia da salvação e a própria ordem de toda a criação. Um reflexo desta atitude encontra-se nas palavras do tentador aos progenitores: "*sereis como Deus*" ou "*como deuses*" (cf. *Gn 3,5*). Assim o espírito maligno tenta

insuflar no homem a atitude de rivalidade, de insubordinação e de oposição a Deus, que se tornou quase a motivação de toda a sua existência.

3. No Antigo Testamento, a narração da queda do homem, apresentada no livro do Génesis, contém uma referência à atitude de antagonismo que Satanás quer comunicar ao homem para o induzir à transgressão (*Gn 3,5*), vemos que Satanás tenta provocar a rebelião do homem que sofre. No livro da Sabedoria (cf. *Sab 2, 24*), Satanás é apresentado como o artífice da morte que entrou na história do homem juntamente com o pecado.

4. A Igreja, no Concílio Lateranense IV (1215), ensina que o diabo (Satanás) e os outros demónios "*foram criados bons por Deus mas tornaram-se maus por sua própria vontade*". De facto, lemos na carta de São Judas: "...os anjos que não souberam conservar a sua dignidade, mas abandonaram a própria condição, Ele os reservou com vínculos eternos em trevas para o julgamento do grande dia (*Jds 6*), em prisões eternas e no fundo das trevas" . Assim também na *Segunda Carta de São Pedro* fala-se de "anjos que pecaram" e que Deus "não perdoou... mas precipitados em abismos, em cavernas tenebrosas, reservou-os para o juízo" (*2 Pd 2,4*). É claro que se Deus "não perdoou" o pecado dos anjos fá-lo para que eles permaneçam no seu pecado, porque *estão eternamente "nas cadeias" daquela escolha que fizeram no início*, rejeitando Deus, sendo contra a verdade do Bem supremo e definitivo que é o próprio Deus. Neste sentido São João escreve que "o demónio peca desde o princípio" (*1 Jo 3,8*). E "é homicida desde o princípio e não se manteve na verdade, porque nele *não há verdade*" (*Jo 8,44*).

5. Estes textos ajudam-nos a compreender a natureza e a dimensão do pecado de Satanás, consistente na rejeição da verdade sobre Deus, conhecido à luz da inteligência e da revelação como Bem infinito, *amor e santidade subsistente*. O pecado foi tanto maior quanto maior era a perfeição espiritual e a perspicácia cognoscitiva do entendimento angélico, quanto maior era a sua liberdade e a sua proximidade de Deus. *Rejeitando a verdade conhecida* sobre Deus com um acto da sua livre vontade, Satanás converte-se em "mentiroso cósmico" e "pai da mentira" (*Jo 8,44*). Por isso vive na radical e irreversível negação de Deus e tenta *impor* à criação, aos outros seres criados à imagem de Deus, e em particular aos homens, a sua

trágica "mentira sobre o Bem" que é Deus. No livro do Génesis encontramos uma descrição precisa dessa mentira e falsificação da verdade sobre Deus, que Satanás (sob a forma de serpente) tenta transmitir aos primeiros representantes do género humano: Deus seria cioso das suas prerrogativas e imporia, portanto, limitações ao homem (cf. *Gn 3,5*). Satanás convida o homem a libertar-se da imposição deste jugo, fazendo-se "como Deus".

6. Nesta condição de mentira existencial, Satanás converte-se - segundo São João - também em homicida, isto é, *destruidor da vida sobrenatural* que Deus desde o princípio tinha introduzido nele e nas criaturas feitas "à imagem de Deus": os outros puros espíritos e os homens; *Satanás quer destruir a vida segundo a verdade*, a vida na plenitude do bem, a vida sobrenatural de *graça e de amor*. O autor do Livro da Sabedoria escreve: "...por inveja do demónio é que a morte entrou no mundo, e experimentam-na os que lhe pertencem" (*Sb 2,24*). E no evangelho Jesus Cristo adverte: "...temei antes aquele que pode fazer perecer na Geena o corpo e a alma" (*Mt 10,28*).

7. Como efeito do pecado dos progenitores, este anjo caído conquistou *em certa medida o domínio sobre o homem*. Esta é a doutrina constantemente confessada e anunciada pela Igreja, e que o *Concílio de Trento* confirmou no tratado sobre o pecado original (cf. *DS 1511*): ela encontra dramática expressão na liturgia do baptismo, quando se pede ao catecúmeno para renunciar ao demónio e às suas seduções.

Deste influxo sobre o homem e sobre as disposições do seu espírito (e do corpo), encontramos várias indicações na Sagrada Escritura, na qual Satanás é chamado "o príncipe deste mundo" (cf. *Jn 12, 31; 14, 30; 16, 11*) e também "o Deus deste século" (*2 Cor 4,4*). Encontramos *muitos outros nomes* que descrevem as suas nefastas relações como o homem: "Belzebu ou Belial", "espírito maligno", e finalmente "anticristo" (*1 Jo 4, 3*). É comparado com um "leão" (*1 Pd 5, 9*), com um "dragão" (*no Apocalipse*) e com uma serpente (*Gn 3*). Com muita frequência, para o designar, é usado o nome "diabo", do grego "*diabellein*" (daqui *diábolos*), que significa: causar a destruição, dividir, caluniar, enganar. E, para dizer a verdade, tudo isto acontece desde o princípio, por obra do espírito maligno, que é apresentado

pela Sagrada Escritura, como *uma pessoa*, embora tenha afirmado que *não está só*: "somos muitos", gritavam os diabos a Jesus, na região dos Gerasenos (*Mc 5, 9*); "o diabo e os seus anjos", diz Jesus, na descrição do juízo final (cf. *Mt 25, 41*).

8. Segundo a Sagrada Escritura, e especialmente no Novo Testamento, o domínio e o influxo de Satanás e dos outros espíritos malignos estende-se a *todo o mundo*. Pensemos na parábola de Cristo sobre o campo (que é o mundo), sobre a boa semente e sobre a má semente que o diabo semeia no meio do trigo procurando arrancar dos corações aquele bem que neles foi "semeado" (cf. *Mc 13, 38-39*). Pensemos nas numerosas exortações à vigilância (cf. *Mt 26, 41; 1 Pd 5,8*), à oração e ao jejum (cf. *Mt 17, 21*). Pensemos nesta forte afirmação do Senhor: "Esta casta (de demónios) não pode ser expulsa senão com a oração" (*Mc 9, 29*). A acção de Satanás consiste, antes de tudo, em *tentar os homens para o mal* influenciando na sua imaginação e nas suas faculdades superiores para as orientar em direcção contrária à lei de Deus. Satanás *põe à prova até Jesus* (cf. *Lc 4,3-13*), na tentativa extrema de contrariar as exigências da economia da salvação como Deus a estabeleceu.

Não se exclui que em certos casos o espírito maligno chegue até ao ponto de exercer o seu influxo não só nas coisas materiais, mas também *sobre o corpo do homem*, ditas "possessões diabólicas" (*Mc 5, 2-9*). Nem sempre é fácil discernir o que há de preternatural nesses casos, nem a Igreja condescende ou secunda facilmente a atribuir muitos factos a intervenções directas do demónio, mas em princípio não se pode negar que, no seu afã de danificar e de conduzir para o mal, Satanás possa chegar a esta extrema manifestação da sua superioridade.

9. Devemos finalmente acrescentar que as impressionantes palavras do Apóstolo João: " Todo o mundo está sob o jugo do maligno" (*1 Jo 5,19*), aludem também à *presença de Satanás na história da humanidade*, uma presença que se acentua à medida que o homem e a sociedade se afastam de Deus. O influxo do espírito maligno pode "ocultar-se" de modo mais profundo e eficaz: passar inadvertido corresponde aos seus "interesses". A habilidade de Satanás no mundo está em induzir os homens a negar a sua existência, em nome do racionalismo e de qualquer outro sistema de

pensamento que procuram todas as escapatórias para não admitir a obra do diabo. Isto *não pressupõe a eliminação da vontade livre e da responsabilidade do homem* e ainda menos a frustração da acção salvífica de Cristo. Trata-se antes de um conflito entre as forças obscuras do mal e as da redenção. São eloquentes a este propósito as palavras que Jesus dirigiu a Pedro no início da Paixão: "Simão, olha que Satanás vos reclamou para vos joeirar como o trigo. Mas Eu roguei por ti, a fim de que a tua fé não desfaleça" (Lc 22,31).

Compreendemos assim o motivo por que Jesus, na oração que nos ensinou, o "Pai-nosso", que é a oração do reino de Deus, termina quase bruscamente, ao contrário de muitas outras orações do seu tempo, recordando-nos a nossa condição de *expostos às insídias do Mal-Maligno*. O cristão, dirigindo-se ao Pai com o espírito de Jesus e invocando o seu Reino, brada com a força da fé: não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do Mal, do Maligno. Não nos deixeis, ó Senhor, cair, na infidelidade a que nos tenta aquele que foi infiel desde o princípio.

**Quarta-feira, 20 de agosto de 1986**

***A vitória de Cristo sobre o espírito do mal***

1. As nossas catequeses sobre Deus, Criador das coisas "invisíveis", levaram-nos a iluminar e a revigorar a nossa fé no que se refere à verdade sobre o maligno ou Satanás, não certamente querido por Deus, sumo Amor e Santidade, cuja Providência sapiente e forte sabe conduzir a nossa existência à vitória sobre o príncipe das trevas. A fé da Igreja, de facto, ensina-nos que *o poder de Satanás não é infinito*. Ele é só uma criatura, poderosa enquanto espírito puro, mas sempre uma criatura, com os limites da criatura, subordinada ao querer e ao domínio de Deus. Se Satanás opera no mundo mediante o seu ódio contra Deus e o seu Reino, *isso é permitido pela Divina Providência* que, com poder e bondade (*fortiter et suaviter*), dirige a história do homem e do mundo. Se a acção de Satanás *sem dúvida causa muitos danos* - de natureza espiritual e indiretamente também de natureza física - aos indivíduos e à sociedade, ele não pode, contudo, *anular a definitiva finalidade* para que tendem o homem e toda a criação, o Bem. Ele não pode impedir a edificação do Reino de Deus, no qual se terá, no fim, a plena realização da justiça e do amor do Pai para com as criaturas eternamente "predestinadas" no Filho-Verbo, Jesus Cristo. Podemos mesmo dizer com São Paulo que a obra do maligno concorre para o bem (cf. *Rm 8, 28*) e serve para edificar a glória dos "eleitos" (cf. *2 Tm 2,10*).

2. Assim, toda a história da humanidade se pode considerar em função da salvação total, na qual está inscrita a vitória de Cristo sobre o "príncipe deste mundo" (*Jo 12,13; 14,30; 16,11*). "Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a Ele servirás" (*Lc 4,8*), diz peremptoriamente Cristo a Satanás. Num momento dramático do seu ministério a quem o acusava de modo descarado de expulsar os demónios por ser aliado de Belzebu, chefe dos demónios, Jesus responde com aquelas palavras *severas e confortantes* ao mesmo tempo: "Todo o reino dividido contra si mesmo ficará devastado; e toda a cidade ou casa dividida contra si mesma não poderá subsistir. Se Satanás expulsa Satanás, está dividido contra si mesmo; como, pois, há de subsistir o seu reino?... Mas se é pelo Espírito de Deus que Eu expulso os demónios, quer dizer, então, que chegou até vós o reino de Deus" (*Mt 12, 25.26.28*). "Quando um homem forte e bem armado guarda o seu palácio, os seus bens

estão em segurança; mas, se aparece um mais forte, vence-o, tira-lhe as armas em que confiava e reparte os seus despojos" (Lc 11,21-22).

As palavras pronunciadas por Cristo a propósito do tentador *encontram o seu cumprimento histórico na cruz e na ressurreição do Redentor*. Como lemos na Carta aos Hebreus, Cristo tornou-se participante da humanidade até à cruz "a fim de destruir, pela Sua morte, aquele que tinha o império da morte, isto é, o diabo, e libertar aqueles que... estavam toda a vida sujeitos à escravidão" (Hb 2,14-15). Esta é a grande certeza da fé cristã: "O príncipe deste mundo já está julgado" (Jo 16,11); "Para Isto é que o Filho de Deus se manifestou, *para destruir as obras do diabo*" (1 Jo 3,8), como nos testemunha São João. Por conseguinte, o Cristo crucificado e ressuscitado revelou-se como o "mais forte" que venceu "o homem forte", o diabo, e o destronou.

Na vitória de Cristo sobre o diabo participa a Igreja: Cristo, com efeito, deu aos seus discípulos o poder de expulsar os demónios (cf. Mt 10,1; Mc 16,17). A Igreja exerce este poder vitorioso mediante a fé em Cristo e a oração (cf. Mc 9,29; Mt 19s.), que em casos específicos pode assumir a forma do exorcismo.

3. Nesta fase histórica da vitória de Cristo inscreve-se o anúncio e o início da vitória final, *a parusia*, a segunda e definitiva vinda de Cristo no termo da história, em direção à qual está projectada a vida do cristão. Embora seja verdade que a história terrena continua a desenrolar-se sob o influxo "*daquele espírito que, - como diz São Paulo - actua nos que são rebeldes*" (Ef 2,2), os crentes sabem que são chamados a lutar *pelo definitivo triunfo do Bem*. "Não é a nossa luta contra a carne e o sangue, mas contra os principados, contra as potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra os espíritos malignos espalhados pelos ares" (Ef 6,12).

4. A luta, à medida que se aproxima o fim, torna-se, *em certo sentido, cada vez mais violenta*, como põe em relevo de modo especial o Apocalipse, o último livro do Novo Testamento (cf. Ap. 12,7-9). Mas precisamente este livro acentua a certeza que nos é dada por toda a Revelação divina: isto é, que a luta *se concluirá* com a definitiva *vitória do bem*. Naquela vitória, pré-contida no mistério pascal de Cristo, cumprir-se-á

definitivamente o primeiro *anúncio do Génesis*, que é chamado, com termo significativo, proto-evangelho, quando Deus admoesta a serpente: "Farei reinar perpétua inimizade entre ti e a mulher" (*Gn* 3,15). Naquela fase definitiva, Deus, completando o mistério da sua paterna Providência, "livrará do poder das trevas" aqueles que eternamente "predestinou em Cristo" e "transferi-los-á para o Reino de Seu Filho muito amado" (cf. *Cl* 1,13-14). Então o Filho sujeitará ao Pai também o universo inteiro, a fim de que "Deus seja tudo em todos" (*1 Cor* 15,28).

5. Aqui concluem-se as catequeses sobre Deus Criador das "coisas visíveis e invisíveis", unidas na nossa exposição sobre a verdade acerca da Divina Providência. Torna-se evidente aos olhos do crente que *o mistério do principio* do mundo e da história se liga indissolivelmente ao *mistério do final*, no qual a finalidade de toda a criação atinge o seu cumprimento. O Credo, que une tão organicamente tantas realidades, é verdadeiramente a catedral harmoniosa da fé.

De maneira progressiva e orgânica podemos admirar estupefactos o grande mistério da inteligência e do amor de Deus, na sua acção criadora, para com o cosmos, para com o homem, para com o mundo dos espíritos puros. Desta acção considerámos a matriz trinitária, a sapiente finalização para a vida do homem, verdadeira "imagem de Deus", por sua vez chamado a reencontrar plenamente a sua dignidade na contemplação da glória de Deus. Recebemos luz sobre um dos maiores problemas que inquietam o homem e penetram a sua procura da verdade: *o problema do sofrimento e do mal*. Na raiz não está uma decisão de Deus errada ou má, mas a sua escolha e, de certo modo, o seu risco, de nos criar livres para nos ter como amigos. Da liberdade nasceu também o mal. Mas Deus não se rende, e com a sua sabedoria transcendente, predestinando-nos para sermos filhos em Cristo, tudo dirige com fortaleza e suavidade, para que o bem não seja vencido pelo mal.

Devemos agora deixar-nos guiar pela Divina Revelação na exploração de outros mistérios da nossa salvação. Entretanto recebemos uma verdade que deve estar no coração de todo o cristão: a de que existem *espíritos puros*, criaturas de Deus, inicialmente todas boas, e depois, por uma escolha de pecado, separadas irredutivelmente em anjos de luz e anjos de trevas. E



enquanto a existência dos anjos maus requer de nós o sentido da vigilância para não cair nas suas tentações, estamos certos de que o vitorioso poder de Cristo Redentor circunda a nossa vida para que também nós sejamos vencedores. Nisto somos validamente ajudados pelos anjos bons, mensageiros do amor de Deus, aos quais nós, ensinados pela tradição da Igreja, dirigimos a nossa oração: "Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador, pois a ti me confiou a piedade divina, hoje e sempre, me governa, rege, guarda e ilumina. Amém"